



GT 042. Maternidades, partos e cuidado infantil: políticas dos corpos, direitos humanos e antropologia em ação

Rosamaria Giatti Carneiro (UnB) - Coordenador/a,
 Elaine Müller (UFPE) - Coordenador/a, Giovana
 Acacia Tempesta (UnB) - Debatedor/a, Fernanda
 Bittencourt Ribeiro (Pucrs) - Debatedor/a, Camila
 Pimentel (Fiocruz Pernambuco) - Debatedor/a

Este GT pretende dar continuidade às discussões inauguradas na RBA de 2014 e em outros fóruns de debate antropológico nos últimos anos. Se, de início, nos concentramos nos debates sobre parto, assistência médica e movimentos de mulheres na atualidade, os últimos anos têm nos dado mostra da ampliação da reflexão nesse campo. A antropologia do parto tornou-se, pouco a pouco, a antropologia das maternidades, dos corpos e da infância, tematizando literalmente o cuidado em sua vida social desde uma perspectiva de gênero. Muitos têm sido os seus desdobramentos que nos incitam a propor este grupo, quais sejam: as maternidades contra-hegemônicas; as novas parentalidades; as teorias da maternagem, a criação com apego, a disciplina positiva e seus dilemas; a vida profissional e a maternidade no século 21; as mães e deficiência no contexto do Zika Vírus; aborto; os movimentos sociais-econômicos maternos; a política e a maternidade; as desigualdades e maternidades; as noções de infância; os direitos no/do parto; a pesquisadora como mãe e a antropologia feita por mães, para além, é claro, dos debates sobre assistência médica, leituras de parto, pós-parto e amamentação. Por essa razão, trabalhos que contornem esse leque investigativo serão mais do que bem-vindos no sentido de despertar diálogos antropológicos sobre direitos humanos e maternidades em ação e em amplo sentido.

Me deixe parir em paz: Relatos de violência obstétrica

Autoria: Raphaella Morais Cunha

Este work é um recorte da minha pesquisa de monografia e toma por objeto de análise a Violência Obstétrica, tratada aqui como qualquer tipo de intervenção sofrida pela mulher e pelo seu bebê, sem que haja o consentimento da parturiente naquele momento, tirando de si a autonomia e poder de escolha sobre um corpo que é seu, seja no pré-parto, no parto, no pós-parto e na assistência ao aborto. A investigação na presente pesquisa iniciou-se no mês de dezembro de 2017 e se dá por meio de relatos colhidos através de documentários e depoimentos compartilhados nas redes sociais, onde as mulheres compartilham sobre as suas experiências durante a gravidez e na hora do parto. Experiências violentas e desumanas, como por exemplo, a iniciativa de querer acelerar o momento do parto, até mesmo durante o período de gravidez, forçando a mulher a se submeter a certos procedimentos, a realização da episiotomia sem que haja uma necessidade e consentimento da mulher, a não liberdade da escolha de posições na hora do parto, a separação entre mãe e bebê e etc, que mudaram a concepção do parir para as parturientes. Concepções estas que variam desde a busca por informações sobre o que seria o parto humanizado e por profissionais que abraçam a causa deste procedimento, na tentativa de vivenciar uma experiência mais tranquila e longe de traumas, até o não a uma segunda gravidez. Ressalto sempre a importância que há na humanização do parto, que se trata dos bons cuidados oferecidos aos que, de fato, são os protagonistas naquele momento: mãe e bebê. Algumas de minhas expectativas são: compreender as construções feitas pelas próprias mulheres sobre quando se sentem violentadas e como explicam esse acontecimento e o que as mesmas entendem por sendo seus direitos.

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

